

Monique Schneider

# À Escuta dos Passos do Texto

Em outubro de 1991, a psicanalista francesa Monique Schneider foi convidada pelo Departamento de Psicanálise do Sedes e pela Unicamp, sob os auspícios da Fapesp, para dar conferências no Brasil. Nesta entrevista, recapitula sua trajetória e expõe como trabalha na teoria e na clínica.

**P**ERCURSO: Nas referências à psicanálise atual na França, feitas pela sra. durante seus seminários, pareceu-nos que sua posição neste panorama poderia ser sumariamente descrita como “excêntrica”. Isto corresponde à sua própria visão? Como a sra. se colocaria no quadro francês contemporâneo?

**Monique Schneider:** Sim, tenho a sensação de ser recebida, não tanto como excêntrica, mas como herética, que aliás é o nome que me davam. Como Joana d’Arc, que terminou queimada viva, eu estou do lado dos heréticos. Eu vinha da Filosofia; e, ao chegar a Paris vinda do interior, escutava as tomadas de posição dos psicanalistas como um tanto terroristas ... Há um aspecto de crença que me impressionava nestas afirmações psicanalíticas. Eu tinha a impressão de que, em Filosofia, se podia ser kantiano, nietzscheano, platônico; era uma ocasião para se procurar a si mesmo, para selecionar as opiniões às quais o filósofo desejava aderir, ou para adquirir instrumentos intelectuais dos quais desejava se servir. Mas na

psicanálise francesa, sobretudo em Paris, a importância das palavras de ordem era muito mais decisiva.

Um exemplo: no início, eu me interessei pelo problema do afeto. Meu projeto de tese em filosofia era ligado ao domínio da emoção; por isso me interessei pelo problema do afeto em Freud. Mas frente aos lacanianos, por exemplo, isto me deixava um pouco à margem: a questão que eu me colocava, ao ser ouvida por lacanianos, tornava-se imediatamente um “mau problema”. Não era uma questão de escolher respostas diferentes para esta temática; eu tinha a impressão de que havia certas questões que simplesmente não deviam ser colocadas. Certos termos

Realização: Eveline Alperowitch\*, Renata Cromberg\* e Renato Mezan\*

Tradução e Edição: Renato Mezan

\* Psicanalistas, membros do departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

deviam ser **eliminados**, mais do que **questionados**. Apresentando minhas idéias, fui informada de que Lacan havia mostrado que, em vez de falar em afeto, era preciso falar de “paixões da alma”. Falar de “afeto”, portanto, era inconveniente.

**PERCURSO:** Em que época foi isto?

**Monique Schneider:** Final dos anos cinqüenta, início dos sessenta, mais ou menos. Penso mesmo que, se eu tivesse me relacionado diretamente com o meio psicanalítico e não com o meio filosófico, que era visto como extremamente rigoroso e intimidatório, talvez eu tivesse tido mais a sensação de que havia um leque de possibilidades. Mas, durante muito tempo, entre os filósofos, havia um poder muito intimidador vindo de Lacan, lado a lado com uma paixão pela formalização. Tinha-se a impressão de que pensar era o mesmo que algebrizar; tudo era algebrizado, falava-se muito de lógica formal. Não fiz grandes estudos de lógica formal; de todas as maneiras, minha reação foi até um pouco excessiva, não gostava disso e não me sentia parte daquele grupo.

Em vista disso, meu contato maior não era com as pessoas, mas com os autores. Eu fazia uma análise pessoal; porém em Grenoble, para onde fui em seguida, meu contato reassegurador era com os autores. E meu primeiro contato com Freud foi muito, muito feliz. Tinha a impressão de que Freud brincava, de que ele abria inúmeros caminhos; havia pontos de rigidez, claro. Mas uma das questões mais importantes para mim naquela época era a da articulação entre afeto e intelecto, e parecia-me que Freud havia realizado inversões decisivas nestes aspectos, de modo que de início eu não tinha em absoluto uma atitude crítica em relação a Freud. Ao contrário, pensava que Freud nos trazia elementos que permitiam colocar as questões de outro modo.

**PERCURSO:** A sra. está falando, em suma, de como “Monique se tornou Monique”... Como a psicanálise podia ser um instrumento para flexibilizar a filosofia. Nós gostaríamos de saber um pouco mais sobre o seu itinerário pessoal, qual foi o seu trajeto para chegar a formular problemas como os que expôs em seus seminários, problemas que não são os

comuns, aqueles com os quais nos deparamos mais freqüentemente na literatura.

**Monique Schneider:** Minha trajetória intelectual era nessa época ligada à Filosofia. Mas também fazia análise. Fiz duas, até; e, durante a segunda, candidatei-me ao Instituto de Psicanálise, portanto à escola mais clássica. Passei a fazer parte do grupo de trabalho que se reunia em torno de Conrad Stein. A articulação com a psicanálise se fez a partir dele, e, como psicanalista, ele tem uma posição um pouco solitária, reivindicando facilmente uma posição de herético. Quem se ligava a ele,

**E**m vez de privilegiar a metapsicologia e toda a teorização, Stein privilegiou a maneira pela qual Freud descobria os conceitos, a partir do seu itinerário onírico e pessoal.

nessa época, aceitava alguns riscos; e isto me marcou, esta trajetória um pouco solitária, fazendo com que eu renunciasse a me inserir, posteriormente, em uma escola.

Minha paixão pela pesquisa do que acontece com a mulher, ou por aquilo que se refere às relações com a mãe, por exemplo, se enraíza claramente numa problemática à qual foi ele quem me introduziu, mesmo se depois, do seu lado, seja visível um certo enrijecimento.

Com a dissolução deste grupo, fiquei mais isolada, e tenho hoje a impressão de ser uma franco-atiradora. Seja qual for o assunto pelo qual eu me interesse, há sempre, visível, uma continuidade com o mé-

todo de Stein: foi ele quem colocou como texto essencial de Freud a **Interpretação dos Sonhos**. Ou seja, em vez de privilegiar a metapsicologia e toda a teorização, ele privilegiou a maneira pela qual Freud descobria os conceitos, a partir do seu itinerário onírico e do seu itinerário pessoal. Esta é uma via que eu continuo a considerar decisiva. Mesmo que textos teóricos, um pouco áridos, me interessem, o que me motivava neles é pesquisar o trajeto textual preciso. E, neste trajeto, o que se vê são movimentos de avanço, de recuo, de desejo, de defesa, todos os movimentos que vemos em ação na **Interpretação dos Sonhos**. Esse método, o de Stein, me parece válido ainda hoje, e permaneço fiel a ele.

Há outros encontros também. Tive muitas conversas com Pierre Fédida a respeito da noção de metáfora, e ele me apoiou em minha exploração do livro de Freud documentada em **Père, ne vois-tu pas ...?** A um certo momento, eu disse a Fédida: “Não sei o que está acontecendo com meu trabalho sobre a **Interpretação dos Sonhos**; encontro fantasmas em toda parte; isto não é sério, há vampiros, “revenants”, está ficando um verdadeiro conto fantástico ...” Fiquei um tanto apavorada com aquilo que de certa forma me havia capturado, e me perguntei se não estava mesmo escrevendo um romance gótico, à moda dos ingleses. E Fédida se divertiu muito com isso, mas me apoiou, dizendo que era preciso continuar por esta trilha. Conto isso porque, afinal, preciso também encontrar amigos que representem para mim uma autoridade, e que me encontrem no meu próprio caminho. Não gosto de estar sempre na oposição contestadora; acho bom encontrar de vez em quando algumas cumplicidades... Estas parecem se apresentar uma por uma, não em termos de grupos, mas de pessoas específicas.

**PERCURSO:** Um de nós fez uma resenha deste livro sobre a **Interpretação dos Sonhos**,\* na qual escreve que a sra. examina ali o que bem se poderia chamar de “núcleo psicótico” de Freud. E no livro há, por vezes, um tom quase de desculpa, procurando eximir Freud de sua própria loucura... Isto não lhe dava medo?

**Monique Schneider:** Sim, claro que sim. Encontrei muitas vezes este sentimento de medo ao escrever. Mas não acho que ele provinha do contato com a loucura de Freud, que até me alegrava. Como eu escrevia, escrevia, e ninguém lia os textos, eu tinha a impressão de estar entrando em todos esses caminhos que me pareciam um pouco doidos; pensava que os analistas iriam ler isso e ter uma posição de analistas, vendo nessa proliferação interpretativa a prova de que quem estava delirando era eu.

Algumas vezes me disseram: “Você tem uma conta para acertar com o pai”. Isto é verdade, todos nós tivemos um pai; porém era um pouco fácil decidir o debate dizendo que Freud era muito razoável, e que quem precisava de análise era eu, porque era eu quem tinha problemas. Foi isso que tornou necessárias essas desculpas, já que não é possível aduzir provas do caráter pertinente de uma interpretação. A cada vez que damos uma interpretação um tanto cruel, existe uma parte de cumplicidade. E esta cumplicidade estava presente, para mim, o tempo todo; o texto me parecia um chão queimando, eu só podia avançar correndo, e era preciso que fosse o mais rápido possível, para acabar o quanto antes. Havia algo de intolerável, no sentido de que, se eu não me envolvesse pacientemente em experiências muito fortes, alguém viria me perguntar por que eu precisava ficar aprisionada nessas experiências. Ou seja: alguém viria interrogar as minhas fascinações. Mesmo sendo verdade que tudo isso tinha um poder fascinador, que isto me permitia elaborar algumas experiências infernais com homens em posição de mestre, eu tinha a impressão de que não era um problema pessoal que estava se exprimindo dessa maneira. O fato é que a maioria das respostas que obtive na França foram do tipo: muito bem, todo mundo é um pouco sádico e tem alguma crueldade em si — então, por que se enfurecer deste jeito contra Freud?

Muitas vezes, fui tratada com uma certa distância. Na primeira vez que falei sobre o tema de **Père, ne vois-tu pas ...**, numa conferência organizada por Maud Mannoni, ela saiu no fim sem me dizer absolutamente nada: firme, mas um pouco

apavorada, como se estivesse em presença de uma psicótica a quem se tivesse permitido falar de seus delírios a respeito de Freud. Há uma maneira de construir um Freud bem comportado, alguém que, como mestre, soube dominar todos os seus conflitos. Eu prefiro o Freud vulcânico, insuportável, a uma leitura que o enquadre plenamente, e que quase sempre se vê obrigada a amputar o texto.

Não é à toa que, em seguida, senti necessidade de trabalhar com Ferenczi. Ferenczi diz que o que o paciente nos conta na análise pode ser interpretado em termos de proje-

**E**u prefiro o Freud vulcânico, insuportável, a uma leitura que o enquadre plenamente e que quase sempre se vê obrigada a amputar o texto.

ção, isto é, quebrado. Se o paciente fala de uma violência que lhe fizeram, pode-se muito bem interpretar como se ele estivesse projetando sua própria violência na situação, e assim quebrar o efeito de testemunho desse relato. Neste sentido, a situação analítica pode ter um funcionamento um pouco perverso, talvez inevitável, porque tudo o que se diz nessa situação pode remeter seja a uma experiência da qual se dá testemunho, seja a uma série de sonhos ou fantasmas de quem fala. Eu quis passar pelas análises de Ferenczi sobre a posição de escuta e sobre a hipocrisia profissional, para ver como se poderia falar sobre isto: que, quando alguém fala, não fala só de

si mesmo, mas também de algo com que pode ter se deparado. A hipocrisia profissional é a tentação, muito grande para todo analista, de amaciar o gume daquilo que se escuta, remetendo a ela própria toda pessoa que fala. Corre-se o risco de um funcionamento um pouco em cápsula, neste meio psicanalítico no qual cada pessoa é remetida incessantemente ao seu próprio casulo, a seus próprios fantasmas, a suas próprias histórias.

**PERCURSO:** Seu esforço poderia ser então definido como tentativa de resgatar o reprimido no indivíduo e também na cultura, na cultura psicanalítica, em particular investigando as identificações cujo solo é o pai. Estas apareciam como construções rígidas, das quais se eliminou o paradoxo. É fascinante observar como, no seu trabalho, a sra. faz os conceitos analíticos se animarem, se iluminarem de diversos ângulos. Um exemplo seria o complexo de Édipo, no qual surgem facetas insuspeitadas após a leitura dos seus livros.

**Monique Schneider:** Eu diria que procuro trabalhar numa via “indireta”. O caráter central do tema do pai não concerne apenas às representações ou às experiências vividas, mas poder-se-ia dizer que concerne também ao modo de enunciação teórica. Eu freqüentemente encontro um elemento materno ou feminino não apenas como figura, mas como **regime psíquico**, como modo psíquico de operação. É isto que estou trabalhando atualmente nos contos populares. Parece-me que o conto popular corresponde a um recalcado cultural.

Por isso eu gosto muito do conto; acho-o de uma riqueza extraordinária, na medida em que sugere leituras sem as impor. Quanto às interpretações que eu quero dar, elas não têm nenhuma potência de autoridade. Individualmente, podem ser recusadas uma a uma. Mas, trabalhando nesta via, tem-se a impressão de que se chega a uma noção como a de um “complexo do complexo”, um conjunto com toda uma série de fenômenos de encruzilhada. E um dos efeitos da rigidez da psicanálise, sobretudo francesa, é colocar entidades como a mãe ou o pai como se fossem estátuas num altar. Ficam isoladas: o pai como poder simbólico castrador da mãe,

etc. O caminho que permite passar de uma figura à outra não é sempre oferecido pela psicanálise, no que diz respeito a estas figuras cardeais, como se nós analistas fôssemos possuídos pela paixão das distinções.

No início do seu livro **La Pensée et le Féminin**, Wladimir Granoff fala um pouco disso, a respeito da função da **Entscheidung**, que é a função do julgamento, mas também a da separação. Esta função talvez seja animada por uma lógica antimaterna, como se fosse preciso sempre separar, e conjurar o feminino. Para mim, o encontro com este livro foi importante, na sua maneira de localizar as diferentes figuras não nos seus contornos, mas no modo de abordagem e na elaboração que conduz até elas. E aí surge uma espécie de tecido.

**PERCURSO:** Num dos seminários clínicos, a sra. se referiu à necessidade para o paciente de reinventar sua história, referindo-se à história dos seus pais, e em especial ao prazer ou ao desprazer que presidiu ao seu engendramento. Isto não faz parte desta mesma idéia, de repor em movimento as estátuas congeladas dos pais?

**Monique Schneider:** Não creio que este seja um modo de escuta simplesmente adequado ao caso trazido ao seminário. É uma maneira de trabalhar que vem sendo a minha, e que, acredito, será cada vez mais. Aqui existe talvez uma diferença na maneira de trabalhar dos diversos grupos clínicos. Na França, não é raro que se retome um acontecimento passado ao qual o paciente não assistiu, além dos acontecimentos passados da vida do paciente. Pode ser que este modo de trabalhar tenha sido estimulado por Lacan, mas muitos não-lacanianos o empregam, porque não é algo que seja exclusivo de Lacan. No caso trazido, a história era de um casamento: se este não se realizasse — se o homem não se casasse com a mulher — ela ameaçava se suicidar.

Em quase todas as análises, existem acontecimentos terríveis que não pertencem propriamente à história, mas à pré-história do paciente, em particular acontecimentos referentes às suas origens, ao seu nascimento. É melhor atacar o problema de frente, mesmo que com prudência, mesmo que através de mean-

ros e desvios adequados. Há um certo risco em comunicar ao paciente que se percebeu, pelo seu relato, que talvez tenha se dado uma falha na maneira pela qual ele foi ou não suficientemente desejado, e mesmo assim tenha vindo ao mundo. Uma vez, falando disso com outro analista, ele me disse: “Eu jamais falarei do caráter de não ter sido desejado, a respeito do nascimento”. E eu me surpreendi reagindo: “Mas se nunca se puder falar disso ...”

Penso num paciente que nunca podia chegar, em sua análise, à situação que estava na origem do seu nascimento. E eu tinha a impressão de que, no real, quando ele procu-

Pode-se dizer que, no nível dos fragmentos da pré-história, a tendência a fazê-los surgir na realidade é muito maior que no que diz respeito aos acontecimentos da infância, passíveis de repetição.

rava ser admitido num emprego, ou no que quer que fosse, ele acabava dando um jeito de ser recusado, como se o tempo todo estivesse se fazendo “jogar para fora”. Tenho pensado que, no nível dos fragmentos da pré-história — a história que não foi vivida pessoalmente —, pode-se dizer que a tendência a fazê-los surgir na realidade é muito maior que no que diz respeito aos acontecimentos da infância, passíveis de repetição. Estas situações muito terríveis podem ter sido vividas pelos pais durante sua própria infância, portanto de uma maneira muito longínqua; como elas só são trazidas pela fala, pela evocação, é

difícil acreditar nelas, porque não foram experienciadas pela própria pessoa. É como se esta pessoa ficasse um pouco incrédula, e, para poder se persuadir da verdade dessas situações, fosse preciso que elas se tornassem absolutamente “reais” na vida do indivíduo. Na análise, essas experiências pré-históricas têm um efeito de repetição mais forte do que as experiências infantis atravessadas com serenidade.

Acho possível trabalhar com estas hipóteses um tanto aterrorizadas se, na análise, pudermos estabelecer um vínculo transferencial muito forte. Onde houve insuficiência ou falta no plano do nascimento, isto só pode ser evocado se o cordão umbilical da transferência for suficientemente forte para que se tenha a certeza de que são dois a enfrentar tais situações, mesmo com os riscos que elas comportam. Lembrome de uma paciente deste tipo, em cuja vida havia um elo entre o medo de não ter sido querida e as recusas que ela provocava na realidade. Quando pude lhe falar disso, ela teve uma primeira reação que me deu medo: teve um início de doença, faltou numa sessão e me telefonou. É certo, assim, que tocamos num ponto sensível, que brincamos com fogo. Mas duas sessões depois, esta pessoa tão isolada, que sonhava pouco, trouxe um sonho: ela estava no berço, tinha acabado de nascer. E, ao acordar, ela viu que estava com os dois punhos fechados, como fazem os bebês no berço. Riu muito contando esta posição em que acordou, como se ela se reencontrasse a si mesma como bebê. Sei, portanto, que é perigoso despertar essas experiências, que se pode provocar ferimentos; mas acho melhor fazê-lo, insistindo sobre o fato de que não nascemos unicamente uma vez: as coisas recomeçam, continuam na relação com o analista, por exemplo, ou com o professor no colégio. Há vários modos de “entrar”, as coisas não foram decididas de uma vez por todas.

**PERCURSO:** Pode haver aí um elemento de culpa, de auto-culpabilização... Isto nos traz a uma questão suscitada pelo seu seminário sobre a culpa. Talvez se possa dizer que o que a sra. falou sobre a culpa “artificial” corresponde a uma experiência da lei, da norma e da legitimidade

características de uma cultura européia. Mas, no Brasil, ocorre outra coisa, que já foi inclusive focalizada por psicanalistas: há uma crise das instituições, da legitimidade das normas, que aparece de diversas maneiras nos costumes, nas idéias dominantes — a “lei da vantagem”, como ficou tristemente caracterizada a partir do célebre anúncio de Gerson com os cigarros. Neste contexto, a mensagem permissiva da psicanálise — “seja você mesmo, seja autêntico” — pode ser lida de forma muito sinistra como “passe por cima dos outros em qualquer circunstância”.

**Monique Schneider:** É verdade que eu encontro o problema da lei de um modo diferente do de vocês, que vivem num outro país. Mas não questiono a importância dada à ética ou à lei: não é isso o que me preocupa. O que eu posso criticar é uma lei muito patriarcal, na qual sobrevive a onipotência do pai ou do senhor. A partir desta ética que funciona essencialmente no modelo patriarcal, podem-se encobrir todos os abusos de poder e favorecer uma paixão individualista exacerbada. Minha posição não tem aqui nada de subversiva: simplesmente, acho que se pode recuperar o problema da lei por uma outra entrada. O que eu critiquei foi a ênfase numa culpabilidade de fachada, que serve muitas vezes para se inocentar completamente ...

Tenho pensado nisso a partir da leitura de um pensador francês, Emanuel Lévinas, em particular no que ele diz sobre a responsabilidade e sobre o que se chama “carregar a responsabilidade por alguma coisa”. Lévinas faz ecoar o sentido maternal do “carregar”; ele fala de maternidade como o “carregar” por excelência. E, na expressão corrente, “carregar a responsabilidade por um ato”, este sentido materno do “carregar” está completamente elidido, desapareceu. Mas me parece que se pode encontrar uma outra porta para esta região da ética.

Para Lévinas, a noção de ética é a idéia de que se alguém pede ajuda, também sou eu que fico desamparado, se não efetuar o movimento necessário para responder a este apelo. Ele fala da subjetividade como sendo um “turbilhão”, eu com o outro, o outro comigo, e chega à idéia de assumir esse “grão de loucura” que para ele é sinônimo de “alma”. Isto significa: viver o sofrimento

do outro como se eu próprio naufragasse. Isso é muitas vezes criticado pelos psicanalistas. Para Lévinas, não se trata apenas de uma reação de piedade ou de um problema de sentimentos. Trata-se de reconhecer uma urgência, e também de reconhecer que, no plano subjetivo, não existe apenas um fechamento individualista, mas igualmente uma abertura para o que se passa com o outro.

Penso então que a sensibilidade à ética é para mim algo fundamental, e é por isso que procuro trabalhar as noções éticas de uma maneira um pouco diferente do que se

O que eu critiquei foi a ênfase numa culpabilidade de fachada, que serve muitas vezes para se inocentar completamente.

costuma fazer, enfatizando o lado paterno, culposos, judiciário. Em análise, quando escuto alguém “psi” — portanto familiarizado com o funcionamento interpretativo — dizer: “sinto-me culpado”, percebo muitas vezes que isto significa: “tenho remorsos porque abandonei minha mulher, ou meus amigos, ou minha família: quero ignorá-lo, e por isso me sinto culpado. Mas no fundo, acho que estou sendo corajoso, porque é preciso seguir meu caminho, e é corajoso não escutar o apelo do outro”. Ou seja: a expressão “sinto-me culpado” conduz regularmente a tomar uma posição um tanto heróica, para se oferecer um motivo suficiente: não vou me deixar encurralar

pela culpabilidade; apesar de tudo, sou forte o suficiente para “não ceder em meu desejo”, e isso é muito meritório. Em suma: “sinto-me culpado” serve para reforçar uma ótica resolutamente individualista.

**PERCURSO:** Neste contexto, a sra. falou sobre a exclusão: como isto se articularia com a sensibilidade ao sofrimento do outro?

**Monique Schneider:** A dificuldade colocada pela exclusão é que existe uma violência primordial frequentemente oculta, e que faz com que certos indivíduos simplesmente não sejam considerados como “relevantes”. Freud era sensível ao problema judaico, e isso é importante. Na França de hoje, os excluídos são os imigrantes do Norte da África, principalmente. A exclusão coloca certos homens como destituídos a priori. Se eles sofrem, a opinião comum dirá que é porque precisam sofrer, ou porque de qualquer forma eles são “exteriores”: ou seja, eles são apagados até mesmo no seu direito de mostrar o que estão vivendo.

Tenho a impressão de que o cristianismo tornou possível uma violência extrema. No **Velho Testamento**, existe a figura do Justo Sofredor (Jó); mas o Cristo representa a conjunção de duas figuras, a do Messias e a do Justo Sofredor. E há no Novo Testamento um momento particularmente agudo em que o próprio Deus, na pessoa de Cristo, pronuncia o seu desejo de que o sofrimento seja afastado, portanto reconhece e teme o sofrimento. Acho que há poucas culturas em que o caráter insustentável do sofrimento tenha sido reconhecido desta maneira. E certamente, neste momento agudo, não é casual que os apóstolos sejam descritos como adormecidos, isto é, não podendo escutar. É como se fosse um momento muito forte, mas ao qual, no limite, não se pode estar presente. E aquele que é o fundador da Igreja, São Pedro, é exatamente o especialista da renegação. Num certo sentido, talvez a renegação seja mesmo inevitável, de tão insuportável que é este sofrimento. Esta idéia vai permitir certas posições espirituais muito belas, mas ao mesmo tempo, no plano histórico e intelectual, tornou possível um terror inaudito: porque, se for invertida, provoca uma intensificação dos fantasmas sã-

dicos, das possibilidades de crueldade, do que é um bom exemplo a maneira pela qual foram perseguidos os judeus desde a Idade Média.

Há nisto tudo uma dimensão de monstrosidade: aquele que foi cristianizado deve tomar sua cruz e seguir o caminho, o que já é bastante aterrorizador; ou então, o que pode acontecer é que o efeito de terror seja tão grande, que se torne necessário que outro carregue a cruz: que outro seja crucificado em meu lugar. As formas de exclusão mais sádicas não são talvez as do massacre, mas aquelas em que, ao lado do martírio mais extremo, se faz com que as vítimas, ou uma parte delas, sobreviva. É o caso dos campos de extermínio. Porque práticas de extermínio existem por toda a parte; o que há de terrível nesta necessidade do martírio de que estou falando é que pode haver uma enorme intensificação do sadismo, quando há uma cristianização insuficiente do sofrimento através desta escolha da vítima.

Agora, devemos colocar os problemas ligados à exclusão em diversos níveis, pois há a exclusão do irmão, ou do quase-irmão, como aquele que vai substituir ao Cristo; mas há outra exclusão, mais discreta e por isso mais temível, que é a exclusão do bárbaro. A este, não se concede nem mesmo a honra de martirizá-lo pela vida toda. Ele é simplesmente visto como não fazendo parte do campo simbólico, porque não fala (**"bárbaros"** em grego é aquele que não sabe falar): ele está aquém da linguagem.

Durante a Guerra do Golfo, pudemos ver isso na França a respeito de Saddam Hussein; tudo o que ele dizia era retomado pelos jornalistas como um pouco ridículo; não era um líder político falando, mas um macaco gesticulando. Não sei o que vale Saddam individualmente, mas o que horrorizava era ver todas aquelas pessoas, os magrebinos vivendo na França, que se reconheciam em Saddam Hussein, que não eram sequer vistos como pessoas. Não é que fossem criticados pelos franceses como "injustos", "usurpadores", etc., com categorias éticas compartilhadas com quem os criticava. Não, estavam fora da humanidade, como fantoches rodopiando sobre si mesmos, e fingindo falar, mas sem saber o que estavam dizendo. Aqui

estamos diante de uma prática da exclusão que é ainda diferente das que mencionei. É por isso que julgo importante introduzir o plural na idéia de "exclusão", e falar de "exclusões", sem se deixar iludir por uma única figura dela e projetá-la por toda parte, sempre do mesmo modo. Há diversas estratégias no destino da exclusão, e diversas armadilhas que nos permitem às vezes criticar uma forma de exclusão e deixar em silêncio outras, todas as outras.

---

\* R. Mezan, "Seis Autores em Busca de um Personagem", in **A Vingança da Esfinge**, São Paulo, Brasiliense, 1988.